

## Discriminação do canto do sabiá em contextos de Matching Law

### *Discriminating Sabiá's Song in Matching-Law Contexts*

 RAMON MARIN<sup>1</sup>

<sup>1</sup>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

#### Resumo

Neste texto o leitor não encontrará o rigor científico que a professora tem me ensinado nos últimos anos sob sua orientação. Por outro lado, apresenta-se em forma de texto livre uma perspectiva admirativa sobre uma professora que ensina para além dos conteúdos acadêmicos. Muitos vieram antes de mim, portanto não é de se esperar a acurácia de um relato detalhado de décadas de amizade. Espero, contudo, transpor essas limitações e apresentar algo que, compartilhando a perspectiva de alguns colegas, represente essa ilustre pessoa na sua forma de educadora.

Palavras-chave: Deisy de Souza, carreira acadêmica, análise do comportamento.

#### Abstract

In this text, the reader will not find the scientific stringency that the professor has taught me in the last few years under her supervision. Still, I present a free-text article an admiring perspective about a professor who teaches more than just academic subjects. Since many others came before me, the reader cannot expect an accurate and detailed report of decades of friendship. I hope, however, to surpass this limit and to present something that, by sharing some colleagues' perspective, represents this illustrious in her role as an educator.

Keywords: Deisy de Souza, academic career, behavior analysis.

 rmarin@estudante.ufscar.br

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.18542/REBAC.V20I2.17573](http://dx.doi.org/10.18542/REBAC.V20I2.17573)

Não acredito ser exagero afirmar que a maior parte da nossa perspectiva de futuro se permite construir por meio das nossas ações no hoje; poetas e cientistas concordariam com a impossibilidade de esperar laranjas quando se plantam limões. No entanto, é claro que existem inúmeras situações em que a imprevisibilidade toma seu lugar e nos surpreende com resultados inesperados; nesses casos, como diz Paulo Mendes Campos, vale a pena estar de bom humor para rir quando tomamos um camundongo por um rinoceronte, e estarmos prontos para enfrentar um rinoceronte quando o confundimos com um camundongo. Entre as probabilidades e impossibilidades, encontros e desencontros, dias de chuva e dias de sol, camundongos e rinocerontes, florescem as margaridas, irradiam.

Sobre o futuro, não seria equivocado pensar que, na medida em que o tempo corre do ontem para o amanhã e esbarra no hoje, o presente é apenas um efeito das ações de um hoje que já foi—ou seja, um ontem. Vejamos! Ontem, antes mesmo que se pudesse esperar pelos frutos, uma confluência de eventos e decisões se fizeram em presente com a passagem do tempo. Obviamente, há momentos em que não decidimos ou planejamos; nos alerta Guimarães Rosa: “cada dia é um dia”. Às vezes, é necessário apenas manter-se presente, resistir, acreditar para abrir espaço. Nesses casos, quando tudo o que se pode fazer é existir e resistir, a própria persistência já direciona, elegantemente, o presente para o futuro. Às vezes, nem se tem a pretensão de se construir um futuro desse ou daquele jeito; temos também que considerar o acaso de estarmos vivos o suficiente para reagir aos detalhes da vida e criarmos, com coragem, uma fagulha que pode incendiar o futuro. Há vezes que nos basta vestir os sapatos e fazer-nos presente.

Dizer sobre a professora Deisy é como contar sobre uma faísca que incendeia o futuro, que provê inspiração. Acredito dizer por muitas vezes que sem ela, muitos percursos talvez não tivessem sido trilhados; nem talvez tivessem sido reconhecidos como possíveis percursos. Sobre ela, em uma homenagem como essa, eu poderia falar de como sua carreira é sólida: como ela superou os desafios, como ela construiu possibilidades, como ela criou espaço, como ela possibilitou futuros, como ela educou, tomando o que se define por educação na perspectiva de Paulo

Freire. No entanto, acho que seria enfadonho falar de brilhantismo sobre alguém que, em todo caso, brilha. Por isso, decidi—erroneamente, quem sabe, saberei mais tarde—em dizer em como todo esse brilhantismo avança, incentiva, cuida e orienta.

É inevitável, portanto, que para isso tenhamos que considerar como ponto central dessa homenagem, sua habilidade de orientação. Claro! Não poderia deixar de lembrar que, nessas orientações participam tremedeiras, gagueiras, arrepios, bocas secas; mas, participam também o desejo de acertar, a vontade de fazer mais, o entusiasmo em apresentar uma nova possível explicação para o comportamento. Para ela, a alegria em ver um dado consistente, a palma sonora diante de um acerto, a orientação cuidadosa, a exigência de saber que se pode ir além, o feedback preciso.

Para quem já foi tão mais além, ela parece tratar de levar tantos outros para além do que se acha possível. Às vezes, aquele que apresenta, tão focado, desaparece o que acontece em seu contexto; inúmeras vezes fui tranquilizado por colegas: “Ela estava com aquele pequeno sorriso de orgulho, você foi bem!”. Parece que o breve sorriso no seu rosto traz a tranquilidade após uma apresentação. Para quem vê de longe, a situação parece um milagre: a professora que para tremedeiras com sorrisos ou acenos de cabeça. Parece que nos leva a querer dar cada passo de maneira cuidadosa, cada palavra bem pensada, cada análise bem fundamentada. Tudo parece querer refletir as condições que ela cuidadosamente prepara para o ensino.

É claro que, não sendo onipresente, em alguns momentos—entre suas muitas reuniões—deixa-nos um espaço no qual caminhamos sozinhos. Isso parece não ser uma questão; permitir que os alunos experimentem—isso é, entrem em contato com múltiplas contingências—e ganhem experiência por meio do contato com os desafios da vida acadêmica, parece também fazer parte do programa de ensino desenvolvido pela professora Deisy. Mais do que alguém que te indica o ponto de chegada, a professora Deisy guia e te ajuda a construir o caminho, a corrigir rotas, estabelecer metas etc. Apesar de toda ajuda, o mundo não para. O mundo não faz uma pausa porque entramos no mestrado, ou doutorado, ou porque precisamos de tempo para programar condições experimentais e analisar resultados. Nos momentos em que o mundo roda rápido demais ou devagar demais, acabamos caindo, cambaleando, sofrendo. Nesses momentos, uma palavra de afago sempre surge, acompanhado de um vocativo que parece ter sido guardado para momentos de carinho: *filho* ou *filha* aparecem e produzem um alento necessário para o momento. Talvez, não seria exagero dizer que na sua prática existe, para além da orientação, um ato de cuidado.

Não raro uma pergunta te surpreende ao final de uma reunião: “Como vão as coisas?” Ela parece aguardar a resposta equivocada, quando contamos sobre as burocracias, sobre os desafios da coleta, resultado não esperado, sobre uma análise não concluída; ela responde com um breve sorriso: “Mas e fora isso? Como vão as outras coisas?” É como um sinal de cuidado, um abrigo que parece não existir em meio a rotina, mas que ela nos faz lembrar de estar ali, não só para orientar nosso trabalho, mas para dividir os fardos.

Parece que a precisão dela foi sendo modelada pela vida; não só em saber como ensinar, mas saber como nos fazer olhar para frente, desejar o futuro e nos ensinar muito mais do que Análise do Comportamento.

Era uma quarta-feira de manhã. Estava em meu segundo ano de mestrado. Ela ministrava uma disciplina chamada Análise Experimental do Comportamento. Nessa disciplina, os alunos apresentavam artigos clássicos para a turma em forma de seminário. Os artigos eram sempre complexos, não havia leitura fácil. Nós, os alunos, sempre ficávamos ansiosos pela aula. Era difícil apresentar para a turma, pois sempre havia muito debate e nós, quando apresentávamos, precisávamos estar preparados para isso. Certa vez, estávamos discutindo um artigo sobre a *Lei da Igualação*, para quem conhece, sabe que é difícil—é um daqueles temas que você passa a duvidar um pouco da sua capacidade. A professora Deisy acompanhava o debate silenciosamente. Ela estava sentada, como sempre, de frente para a janela da sala de reuniões do nosso laboratório; a vista dá para os pinheiros da federal. Eu aprendi a reparar nesses pinheiros e em como o verde escuro do pinheiro contrasta com o azul do céu porque ela sempre dizia que era uma vista bonita. Em um dado momento, ela pediu que ficássemos em silêncio, por um minuto. Todos, sem exceção de uma só mosca na sala, congelamos. Achamos que seria um daqueles momentos no qual ela faz uma pergunta cirúrgica que nos faz notar algum deslize que cometemos. Talvez o grande barulho da discussão a tivesse incomodado. Ninguém sabia. Ela perguntou: “Vocês sabem que pássaro é esse que está cantando?” Ninguém respondeu. Ela disse: “Vocês são todos da cidade mesmo né?! Esse é o sabiá.” Nós ficamos ouvindo por alguns segundos e depois retomamos a discussão. Hoje, quando passo pelo Departamento, tento me atentar para encontrar entre os pássaros que cantam, o sabiá. Se eu tivesse que dizer resumidamente, a professora Deisy é assim, uma mulher que em toda sua sabedoria, sabe ensinar algo complexo como a Lei da Igualação sem deixar de te ensinar sobre a sabedoria das coisas lindas da vida, sábia em saber sobre o canto do sabiá.

### **Declaração de conflito de interesses**

Os autores declaram que não há conflito de interesses relativos à publicação deste artigo.

### **Direitos Autorais**

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons 4.0 BY-NC.



---

Submetido em: 01/12/2024

Aceito em: 01/12/2024